



MEMÓRIAS DO INVERNO: NOSTALGIA, AMNÉSIA, RELEITURA¹

Greg Garrard²

Tradutora Zélia Monteiro Bora

Este ensaio considera o lugar do clima recordado em nossas lembranças nostálgicas e pergunta quais são os perigos da adaptação amnésica ao “novo padrão normal” climático quando ocorrem as mudanças climáticas globais. Tal afirmação sugere que a ideia de clima imutável assumida pelos textos do passado será correlacionada ao clima imprevisível do futuro, alterando a maneira como são lidos.

Cada Natal era muito parecido com outro, na cidade onde eu morava, olhando o mar, hoje distante, exceto por algumas vozes apagadas que escuto alguns instantes antes de dormir. Quando eu tinha doze anos, não me lembro se nevava seis dias e seis noites ou se eu tinha seis anos e nevava durante doze dias e doze noites.

Todos os Natais fugiam em direção ao mar de duas línguas, como uma lua fria e lúcida espalhada no céu de nossa rua; e todos eles paravam na orla das ondas congeladas, enquanto eu mergulhava minhas mãos na neve e trazia comigo o que podia encontrar. E assim, minhas mãos desapareciam naquelas bolas de festa de lã branca, em forma de um sino repousando na borda daquele mar cantante, narrado pela Sra. Prothero e pelos bombeiros. (THOMAS, p. 2, ([1952]).

A recordação de Dylan Thomas no poema *O Natal de uma criança no país de Gales*, *A child's Christmas in Wales* é, para toda a minha família, um objeto de nostalgia. Obviamente, a nostalgia de uma memória lírica, por meio da qual o poeta volta a uma infância de lâmpadas de gás nas calhas, de sacos de papel repletos de fofocas e de homens de longos bigodes fumando seus

¹Tradução do capítulo de livro publicado em 2016 por PalgraveMacmillan, *Memory in the Twenty-First Century* do Editor Sebastian Groes.

²Professor de Estudos Criativos e Críticos na Universidade de British Columbia Okanagan, Canadá. É autor de *Ecocrítica* (obra traduzida para o português) e de *Teaching Ecocriticism and Green Studies*. Atualmente desenvolve a organização dos livros *Ferality Tales* e de *Who do you think they are? Climate Sceptics in US, UK and Germany*, este último em coautoria.

E-mail: <greg.garrard@ubc.ca>.

cachimbos enquanto desfilavam em Swansea nos dias de formatura. Desse modo, o poema prosa autoconsciente de Thomas amplia a qualidade imemoriável de sua história:

Anos e anos atrás, quando eu era menino, havia lobos no país de Gales, pássaros de cor, vermelhos como anáguas de flanela que rapidamente atravessavam as colinas em forma de harpa, [...] antes do carro, antes da roda, antes dos pôneis, quando inocentemente montávamos sem sela as colinas felizes, e nevava e nevava.

Para mim, o *'Natal de uma criança no país de Gales'* é, também, a paisagem de uma memória evocada em outros lugares, como *Cwmdonkin Drive*, “onde meu amigo surfista Andy morava”, assim como as “as ruas pobres de Sandfields, onde minha filha Holly foi para a escola primária, e algumas crianças brincavam na neve marcada com seus dedos vermelhos sem luvas”. Entretanto, para mim, acima de tudo, a sonora voz de Thomas ressoa a cada véspera de Natal dos últimos trinta anos, nos mais diversos lugares, seja como o clima úmido e frio de Swansea, ou através da fuga tropical de Kingston, Jamaica, ou até Ottawa, Canadá, ainda mais frio e branco do que o Sul de Gales, cuja temperatura pode chegar a trinta graus abaixo de zero. O significado dos Natais nevados da infância de Thomas e sua calorosa lembrança para nós, em tempos de mudança climática, pouco têm a ver com a média meteorológica de 30 anos à qual se refere Mike Hulme, um cientista que pode começar a definir e entender o “clima” de Swansea.

Para os críticos literários, no entanto, a nostalgia tem fascinado, embora, frequentemente, eles encontrem problemas nesse passado nostálgico. A avaliação do passado, para Hutcheon e Valdés ([1998 ou 2000], p. 20), é um exemplo típico dessa questão:

O passado simples, puro, ordenado, fácil, bonito ou harmonioso é construído (e então experimentado emocionalmente) em conjunto com o presente – o que, por sua vez, é construído de forma complicada, contaminada, anárquica, difícil, feia e confrontadora. O distanciamento nostálgico higieniza à medida que seleciona, tornando o passado completo, estável, coerente e seguro frente ao ‘o inesperado, ao adverso, à casualidade e à perfídia’ – em outras palavras, tornando-o muito diferente do presente.

A nostalgia identifica a beleza e a harmonia no passado e parece sempre romântica, ou perversamente indesejável, para se juntar com a marcha do Progresso. Na verdade, nossos Natais são cobertos de neve ou não são suficientemente cobertos de neve, para atender ao apelo mercadológico. Nossos Natais são ainda polêmicos e complacentes para permitirem as comparações geniais das cenas lembradas por Thomas, caracterizadas como um passado adormecido e uma modesta plenitude. Como o crítico Williams (1995) refere em *Campo e Cidade*,

“os escritores sempre voltaram para dias melhores. Williams (1995) retrata a nostalgia como uma escada rolante voltando para o passado: deixem Dylan Thomas levá-los de volta ao Swansea dos anos 1920, e lá, você encontrará escritores de uma época anterior, lembrando seus idílios de infância. Sem que o saiba, você estará de volta a Theocritus no Século III a.c.

AMNÉSIA AMBIENTAL E O “NOVO NORMAL”

A nostalgia pode favorecer a ilusão, permitindo-nos evadir das realidades desconfortantes do passado e do presente. Porém nossa capacidade de nos adaptarmos às circunstâncias alteradas traz os seus próprios riscos, sobretudo, quando a alteração ambiental e a degradação do meio ambiente estão em jogo. Depois das trágicas mortes de 19 bombeiros em um incêndio no Arizona, no dia 1 de julho de 2013 (quatro dias atrás, enquanto eu escrevia este ensaio), o *New York Times* informava que os cientistas acreditam que os grandes incêndios causados pelas condições cada dia mais quentes e mais secas são o “novo normal”, no oeste americano. O artigo cita o Professor Stephen Pyne da Arizona State University: “As condições naturais, em particular o clima, as mudanças de uso da terra e a forma com a qual interagimos com ela, adicionamos ou subtraímos dela, constituem o triângulo do fogo. Quase todos estão apontando na mesma direção – a produção de incêndios cada vez maiores e mais prejudiciais”. (BARRINGER; CHANG, 2013).

Mas são mesmo as condições “naturais” naturais? As mudanças climáticas antropogênicas e as oscilações decadais pré-existentes contribuem para o novo normal incêndio no Oeste? O tempo é um grande naturalista: no futuro, as práticas e as instituições se adaptarão, e as crianças crescerão sem saber nada diferente. Talvez eles se perguntem anos depois se o mundo queimou seis dias e noites quando tinham doze, ou doze dias e noites quando tinham seis.

As rápidas mudanças ambientais e a notável capacidade humana de adaptação conspiram com uma atenção reduzida ao mundo natural e induziram uma amnésia individual cultural perigosa. Essa síndrome inclui o que Richard Louv chama de “transtorno do déficit natural”, em seu livro: *Last Child in the Woods Saving our children from nature Deficit Disorder*: (A última criança nas florestas salvando as crianças da doença da natureza). O transtorno do déficit da Natureza descreve os custos humanos causados pelo afastamento entre os humanos e a natureza, entre eles: uso diminuído dos sentidos, dificuldades de atenção e maiores taxas de doenças físicas e emocionais. A desordem pode ser detectada em indivíduos, famílias e comunidades. (LOUV, 2008).

O livro de Mitchell Thomashow, *Bringing the biosphere home* (trazendo a Biosfera para dentro de casa), visa reverter a tendência que Louv identifica, promovendo ao contrário: a “percepção biosférica”, incluindo mais sensibilidade às diferentes mudanças de tempo. Thomashow adverte que “prestamos mais atenção à passagem de dígitos de um relógio do que a mudanças sutis na paisagem, nos horários de migração, ou ao surgimento de ervas daninhas” e propõe exercícios para nos sintonizarmos com os efeitos sazonais e ecológicos e com as mudanças do tempo geológico. (THOMASHOW, 2002).

Desse modo, parece que a elegia ambiental de W.S. A, “Perder uma linguagem”, deve ser entendida como a perda da biodiversidade através do tropo do esquecimento:

ninguém viu isso acontecer

ninguém lembra [...]

aqui estão as penas extintas

aqui está a chuva que vimos. (FERGUSON; SALTER; STALLWORTHY, 1996).

O poema de Merwin desencadeia uma retórica nostálgica de criaturas extintas e palavras obsoletas (pense: Diabo da Tasmânia, Auroque, Boto) para nos forçar a lembrar da extinção. Poderá, talvez, a nostalgia assumir formas radicais e críticas, como o fortalecimento ou o enfraquecimento?

A TEMPORALIDADE DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O clima da Terra nunca foi estável ou totalmente previsível nem os avisos dos ambientalistas sobre o “caos climático” equivocados. Por outro lado, é tentador pensar-se em mudanças climáticas antropogênicas relacionadas à produção de um clima “melhor” ou “pior”, como comentou jocosamente um comediante escocês: “Aquecimento global? Que se f*** o tempo!” Em termos práticos, as mudanças climáticas envolverão “vencedores” e “perdedores”, por causa das variações regionais e decadais, atualmente muito difíceis de prever. Essas variações ditarão as mudanças climáticas. Os sistemas climáticos e bióticos são alterados mais rapidamente devido às mudanças no efeito estufa (forçagem radiativa), que ocasionarão mais perdedores. Culturalmente, no entanto, o que estamos vivendo é uma mudança em vias de mudança, ou seja, a

alteração climática que vivemos é o clima que temos no momento. Na verdade, temos mais ideias sobre mudanças climáticas em um período mais longo.

Isso justifica o pressuposto de que a mudança climática é tudo sobre o futuro, e não, sobre o passado. O número que resume o estado atual de ansiedade sobre nosso clima futuro é a nossa melhor estimativa sobre a “sensibilidade ao clima” – o aumento da temperatura média global causado pela duplicação da concentração de gases equivalentes de CO₂ na atmosfera. Combine essa estimativa com uma projeção de emissões futuras, e você perceberá como o clima da Terra mudará no próximo século. Simulações complexas em supercomputadores modelam climas futuros; as negociações climáticas, até agora, não conseguiram proteger “nossos filhos” (um filho imaginário como a representação figurativa de um futuro discurso político) e, claro, uma ficção climática esmagadoramente futurista. O filme *Age of Stupid* Fanny Armstrong (2009) tenta sensibilizar os telespectadores, através do lúgubre arquivista Pete Postlethwaite, que se pergunta, olhando o passado antes de 2055: “Por que não paramos com a mudança climática quando tivemos a chance?” O personagem representa nossa inércia e a consciência ultrajada de um futuro interpretado por um ativismo climático que mobiliza nossa antecipação a posteriori para nos responsabilizar por um autossacrifício no presente.

De fato, as projeções climáticas são baseadas em dados de mudanças passadas e em modelos do futuro. Além disso, nosso fracasso em responder rapidamente à ameaça das mudanças climáticas não é mais bem explicado pela “estupidez” ou, em menor escala, pelo autointeresse, mas pela inércia, seja tecnológica, demográfica, política ou, de fato, cultural. O livro de David Nye’s, *Consuming Power* (c1998), mostra como os americanos incorporaram destrutivamente novas máquinas e as processam em suas vidas ficando presos a sistemas de poder que não foram facilmente alterados. A “cultura de consumo” excessiva dos Estados Unidos não é um fracasso moral nem um compromisso puramente ideológico, mas o resultado de uma história muito particular, densa, com escolhas, restrições e conflitos. Nesse caso, a normalização também mantém sua influência, embora a nostalgia continue sendo uma força determinante:

Uma criança nascida em um mundo cheio de automóveis leva-os a ver o mundo ‘naturalmente’ a 60 milhas por hora. No entanto, temos muitos testemunhos sobre o deslocamento que as pessoas sentiram no início do Século XIX, quando se viram movendo-se a 20 milhas por hora em uma das novas ferrovias. (DAVID, c1998, p. 107).

A reconstrução paleoclimática é essencial para as projeções climáticas, e a história das transições tecnológicas, no passado, demonstra por que é tão difícil descarbonizar nossos sistemas de energia no ritmo exigido. A história da literatura também poderá tornar-se relevante para a análise ecocrítica da mudança climática que, até agora, concentrou-se, principalmente, em ficções contemporâneas que abordam a lacuna entre o conhecimento e a ação. (GARRARD, 2013; KERRIDGE, 2014). O que poderia ser feito, em uma menor escala com o melancólico *A Child's Christmas in Wales* de Thomas?

AS NARRATIVAS CLIMÁTICAS FRAGMENTADA

A “lei de *Prägnanz*”, na Psicologia de *Gestalt*, diz que procuramos reduzir a realidade a formas mais simples possível. Na percepção visual, escolheremos uma imagem simples antes de ver uma mais complexa que compõe uma página. É provável que uma figura simples e regular seja percebida como distinta de um terreno complexo ou caótico. Normalmente, consideraremos a história simples e harmoniosa de Thomas, o “objeto” natural da análise, e minhas memórias, ao ouvi-las apenas como parte de um terreno autobiográfico (que volta). Mas, e se nós invertermos a figura, como pressupõe a imagem gestáltica, de um vaso que muda espontaneamente as duas faces do perfil? Ou, de fato, reconhecer os Natais de Thomas ou os meus como irreversivelmente interligados fragmentados, como M.C as gravuras esculpidas de peixes e passáros de M.C Escher?. Chegamos à conclusão de que não há texto sem leitura, e todo clima literário é vivido sob as condições climáticas reais em que lemos ou ouvimos.

Agora lembramos que um Natal era realmente tão diferente de outro cada vez que ouvimos como Miss Prothero sempre dizia o que era certo, olhando para os três bombeiros altos, com seus capacetes brilhantes, de pé entre a fumaça e as cinzas, e dissolvendo bolas de neve [...] “Você gostaria de ler?”. Durante minha década em Swansea, havia apenas dois christmases brancos (1990, 1993). Eu estava ausente de ambos e me lembro da chuva. Na verdade, um trabalhador poderia encontrar os invernos de 1920 a 26 menos frios do que os Natais da memória de Thomas.

Em dezembro de 2011, em *Cotswolds*, a neve “veio sacudindo o chão, nadou e saiu dos braços, das mãos e dos corpos das árvores”, assim como nas lembranças de Thomas. Quatro dos últimos cinco invernos no Reino Unido foram incomumente frios e nevados³ e convenceram o tolo

³ Ver: MET OFFICE (c2010).

Boris Johnson⁴ de que algo parecia estar com o nosso clima de inverno, e isso poderia ser chamado de aquecimento. Isso é, obviamente, um atentado à língua. (HICKMAN, 2013). Como o blog de Hickman (2013) sugere, os cientistas mais conhecedores do assunto do que Johnson, fazendo a distinção entre previsão do tempo e mudança climática, estabeleceram um elo entre nossa perda dos Natais brancos e o descongelamento rápido do Polo Ártico. Quando ouvimos a narrativa de Dylan Thomas, ao se referir às tempestades de neve em sua cabana e à falta de tempestades hoje, há uma chama de preocupação: houve, realmente, essa tempestade torrencial de neve dos cartões de Natal brancos e rasgados de Swansea há um século, ou causamos esse inverno que vivemos atualmente?

Hulme ressalta, com razão, que, “para a maioria das pessoas, o clima se torna reificado através de uma montagem bastante desestruturada de clima lembrado” e que a mudança climática “começa a desestabilizar a convicção do que eu sei sobre como o tempo do futuro deveria ser”. Mas as narrativas científicas e as pessoais podem ser entrelaçadas de maneiras ainda mais profundas, surpreendentes e desconfortantes, porque sabemos que mudamos o clima da Terra, e isso nos obriga a reler o passado assim como o futuro. Os invernos profundos dos Natais da infância de Thomas no País de Gales ocorreram, afinal, assim como a tendência de temperatura global descendente desde a Idade Média abruptamente revertida. (THOMAS et al., 2013). O que, para Thomas e seus ouvintes contemporâneos, foi um ponto de referência da normalidade de inverno lembrado tornou-se para a Ciência o início do fim da mudança climática natural. O que agora sabemos e nunca podemos ignorar é a diferença entre os vários Natais, com os quais Thomas sempre contribuiu, com sua voz sonora e cheia de um sábio humor que ele narra é, de certa forma, os que vivemos como consequência de um clima antropogênicos, assim como as mudanças sobre o nosso habitat. Além disso, como minha família transnacional só se reúne em viagens aéreas, um Natal familiar é sempre regado a consumo⁵. Assim, a diferença climática, reconhecida apenas em retrospectiva, foi aquela em que contribuímos, infinitesimalmente, mas ainda desproporcionalmente. Mudar as mitologias do Natal por um momento seria como se os fantasmas dos futuros Natais correntassem todos os fantasmas dos Natais anteriores ao seu tornozelo ósseo.

⁴ Boris Johnson é um político conservador britânico, secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros em 2016 (acréscimo nosso).

⁵ Aqui traduzimos a expressão ‘carbon-costly Christmas’ como um Natal de consumo, uma vez que a expressão, no original Carbon Cost of Christmas, identifica-se o Natal como a época do ano em que se consome mais, especialmente,

comidas e bebidas.

“A nostalgia não é mais o que costumava ser”. É uma velha piada antiga para se obter, no final, uma nostalgia enferrujada. Esta é a verdade das novas ironias que afligem a memória desde que a mudança climática permeou nossas culturas da natureza. Precisamos de nostalgia, pois ela é um tipo emotivo de percepção biosférica que nos ajuda a combater a amnésia do “novo normal”. No entanto, o que lembramos não é mais o normal. Assim, de agora em diante, a nostalgia inocente de Dylan Thomas sobre uma era inocente de consumo e tempestades de neve corrompida será fragmentada com lembranças de um estranho clima de inverno e prazeres cada vez mais culpados a cada Natal, em que ouvimos a voz do poeta. É realmente um tipo de nostalgia inquietante.

REFERÊNCIAS

BARRINGER, Felicity; CHANG, Kenneth. Experts See new normal as a Hotter, Drier west faces more huge fires. *The New York Times*, July, 2013. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/07/02/us/experts-see-a-hotter-drier-west-with-more-huge-fires.html>>.

DAVID, E. Nye. *Consuming power: a social history of American energies*. Cambridge, Mass.: MIT Press, c1998.

FERGUSON, Margaret; SALTER, Mary Jo; STALLWORTHY, Jon. *The Norton anthology of poetry*. 4th. New York: Norton, 1996.

GARRARD, Greg. The unbearable lightness of green: air travel, climate change and literature. *Green Letters*, v. 17, n. 2, p. 175-88, Feb. 2013.

HICKMAN, Leo. Boris Johnson says snow casts doubt on climate change science. *The Guardian*, Jan. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/blog/2013/jan/21/boris-johnson-snow-climate-change>>

HUTCHEON, Linda; VALDÉS, Mario J. Irony, nostalgia, and the postmodern: a dialogue. *Poligrafias*, n. 3, p. 18-41, [1998 ou 2000]. Disponível em: <<http://www.journals.unam.mx/index.php/poligrafias/article/view/31312/28976>>.

KERRIDGE, Richard. Ecocritical approaches to literary form and genre: urgency, depth, provisionality, temporality. In: GARRARD, Greg. (Ed.). *The Oxford handbook of ecocriticism*. New York: Oxford University Press, 2014.

LOUV, Richard. *Last child in the woods: saving our children from nature-deficit disorder*. Princeton, N. C.: Algonquin Books of Chapel Hill, 2008.

MET OFFICE. *Christmas*. c2010. Disponível

em:<https://www.metoffice.gov.uk/binaries/content/assets/mohippo/pdf/a/fact_sheet_no._5.pdf>.

NYE, David. *Consuming Power: a social history of american energies*. Cambridge, Mass: London: MIT Press, c1998. Kindle.

THOMAS F. Stocker. et al. *Climate Change 2013*. Climate Change 2013. The Physical Science Basis. Working Group I Contribution to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change-Abstract for Decision-Makers. New York: Cambridge University Press, 2013. Disponível em: < https://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar5/wg1/WG1AR5_Frontmatter_FINAL.pdf>.

THOMAS, Dylan. *A Child's Christmas in Wales*. [1952]. Disponível em: <<https://www.loc.gov/programs/static/national-recording-preservation-board/documents/CHILD%27S%20CHRISTMAS--FINAL.pdf>>.

THOMASHOW, Mitchell. *Bringing the biosphere home: learning to perceive global environmental change*. Cambridge Mass.: MIT Press, c2002.

WILLIAMS, Raymond. *The Country and the city*. London: Hogarth, [1973].